

PALAVRAS DOS EDITORES CONVIDADOS: EÇA DE QUEIRÓS, ETERNO CONTEMPORÂNEO¹

WORDS BY THE GUEST EDITORS:

EÇA DE QUEIRÓS, ETERNAL CONTEMPORARY

José Vieira^{1,2} 

Carlos Nogueira^{3,4} 

¹Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

²Università Degli Studi di Padova, Pádua, Veneto, Itália

³Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal

⁴Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal

*Paris fez a Revolução, Londres deu Shakespeare, Viena deu Mozart,
Berlim deu Kant, Lisboa... deu-nos a nós – que diabo!*

(Eça de Queirós em carta a
Ramalho Ortigão, 20 de julho de 1873)

Nenhum outro escritor da literatura portuguesa como Eça de Queirós, sobre cujo nascimento passam, no próximo dia 25 de novembro, 180 anos, criou e deu vida a personagens que se tornaram espelho de comportamentos e atitudes tão intrínsecos à condição humana. De Amaro a Dâmaso, de Acácio a Pacheco, de Gouvarinho a Ramires, todas essas figuras de papel – dentre um infindável rol de uma sociedade literária ímpar – representam e cristalizam um Portugal oitocentista, constitucional, romântico e burguês. À partida, nada levaria a pensar que a obra e as personagens saídas da pena de Eça continuassem e permanecessem atuais e, por isso, nossas contemporâneas.

No entanto, a cada passo ouvimos alguém dizer de determinado político que é acaciano ou que certo jovem tem o fulgor e a rebeldia de um João da Ega; ouve-se ainda afirmar que aquela figura pública – ou acadêmica – é puro Dâmaso. Homens e mulheres, a ninguém o autor de *Os Maias* perdoa o olhar atento, mordaz e crítico, e talvez essa seja também uma das razões que faz do escritor nascido no norte de Portugal um eterno contemporâneo.

¹ O trabalho desenvolvido como Editores Convidados deste dossê faz parte de um projeto financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, (FCT) no âmbito do Centro de Estudos em Letras, com a referência UIDB/00707/2025, Portugal.

Bacharel e sem saúde – o contrário das qualidades que atribuía a qualquer grande homem e à ramalhal figura –, culto e viajado, Eça de Queirós é um dos primeiros representantes da alta cultura e literatura universais. Filho e fruto da Geração de 70, devemos-lhe uma leitura de Portugal, da Europa e do mundo que reflete a condição de um europeu que, embora português, nasceu para triunfar e vencer na vida, ao contrário do que viria o próprio a escrever anos depois, já em plena idade adulta.

Se, como se pode ler na carta usada em jeito de epígrafe, Lisboa deu ao mundo uma série de escritores e intelectuais associados à já referida Geração de 70 – Eça, Antero, Ramalho, Oliveira Martins, Jaime Batalha Reis, entre outros –, ao contrário de outras cidades-pensantes da Europa, desengane-se o leitor que pensa encontrar nas palavras do romancista mera ironia ou falsa modéstia. Na verdade, esse “deu-nos a nós” diz respeito a uma geração de intelectuais e pensadores que veio efetivamente mudar e pensar o país em seus mais variados aspectos políticos, culturais, literários, econômicos e sociológicos.

Como perscrutador da alma humana, em particular da portuguesa, as onipresentes ausência e distância de Eça em relação ao país natal – recordemos as suas estadas em Havana, Bristol, Newcastle e Paris, entre inúmeras viagens pelo globo – permitiram-lhe conseguir ver-se e ver o ser português com uma outra interioridade. Talvez seja essa perspectiva a que o tornou “um modernizador do fazer literário e autor de um estilo único” (Vieira, 2021, p. 50), tornando-o, assim, um clássico e um eterno contemporâneo.

A verdade é que, acusado de francesismo ou de estrangeirado, o autor de *O mandarim* segue sendo o escritor que escreve bem, senhor de um estilo que passou a servir de bitola para a posteridade. Recentemente, em *O cânone*, Miguel Tamen afirmou que “escrever bem é para a maioria escrever como ele. Falar bem é geralmente medido pela maneira como ele escrevia” (Tamen, 2021, p. 223).

O estilo facilmente reconhecível e as passagens e personagens que escorregadiamente sabemos de cor fazem de Eça de Queirós um clássico na plena acepção de Calvino:

[...] um clássico é um livro que nunca acabou de dizer o que tem a dizer. [...] Os clássicos são os livros que nos chegam trazendo em si a marca das leituras que antecederam a nossa e atrás de si a marca que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (Calvino apud Tamen, 2021, p. 11).

Ora, o atual número da revista *Alea: Estudos Neolatinos*, intitulado “Eça de Queirós, nosso contemporâneo”, reflete e demonstra as marcas que a obra do autor de *Os Maias* foi deixando ao longo de quase dois séculos em leitores, curiosos e acadêmicos de diversas latitudes, expondo, desse modo,

a universalidade do escritor. Se Harold Bloom (2014, p. 29) afirmou que “vitalidade é a medida do gênio literário”, a verdade é que o futuro da obra de Eça de Queirós está garantido – o seu gênio permanece atual e vivo, não morrendo nunca.

Entre análises de diversas obras, passando pela reflexão teórica-literária, sociológica, filosófica, gastronômica e de crítica textual, esta edição pretende celebrar os 180 anos de José Maria Eça de Queirós, proprietário de uma obra que responde à indagação de *Para que serve a Literatura*, de Antoine Compagnon (2010, p. 33): “[...] dota o homem moderno [e contemporâneo] de uma visão que vai para além das restrições da vida diária”. Essa visão outra, mais densa e complexa, mais crítica e atenta, é fruto e resultado da leitura de uma das mais universais obras da literatura em língua portuguesa, dado que “a literatura e, mais particularmente, a ficção surgem como meio de avaliar, definir e explicar a realidade ou, numa formulação mais rigorosa, aquilo que no romance é como tal apresentado” (Cunha, 2012, p. 519).

Por isso é que, a par com a cultura, a literatura “é importante e útil porque nos faz. Porque molda a nossa experiência do mundo, para o bem e para o mal” (Monegal, 2024, p. 56).

Ler Eça, hoje como no tempo do escritor, é uma libertação relativa ao passado, a todo um vasto conjunto de convenções culturais, religiosas, sociais, políticas etc. que nos prejudicam enquanto indivíduos e comunidade.

Eça é um escritor profundo, o que contraria a opinião contrária, defendida por muitos outros: a de que Eça de Queirós não perscruta a fundura da alma humana, as suas contradições, as suas angústias, os seus medos e os seus excessos mais recônditos e secretos. Esse juízo teve e tem matizes que chegam à acusação de superficialidade do autor d’*Os Maias*, acusação hoje muito menos frequente do que no passado, mas não de todo ultrapassada, como bem dizia Vergílio Ferreira em 1984, no diário *Conta-Corrente*: “[...] Eça não foi o escritor superficial que é de moda agora dizer-se (e já no seu tempo, suponho)” (Ferreira, 2025, p. 705).

Nesta instância particular e intrincada das relações entre a natureza humana e as convenções sociais, a obra de Eça é uma experiência de verdade. Os artigos deste dossiê contribuem para dilucidar esta problemática, que Eça de Queirós explora sem a querer resolver, precisamente porque é uma questão insolúvel. O que o escritor pretende é que cada um de nós se avalie, se encare nas suas grandezas e nas suas misérias, e se veja como parte de uma família humana cuja tendência para o Bem é menor do que a propensão para o Mal (e para o agir mal), como é dito, aliás, com total clareza, no final de *O mandarim* (1880):

E todavia, ao expirar, consola-me prodigiosamente esta ideia: que do norte ao sul e do oeste a leste, desde a Grande Muralha da Tartária até às ondas do mar Amarelo, em todo o vasto Império da China, nenhum mandarim ficaria vivo, se tu, tão facilmente como eu, o pudesses suprimir e herdar-lhe os milhões, ó leitor, criatura improvisada por Deus, obra má de má argila, meu semelhante e meu irmão! (Queirós, s.d., p. 178).

Sem renegar a perspectiva autenticamente religiosa, Eça de Queirós promove um humanismo secular, e nisso ele é profundamente moderno. A sua escrita apela ao autoconhecimento do ser humano, chama cada leitor para a procura responsável da verdade, da justiça e da ética. Para Eça, escritor pluriforme, mestre de uma multiplicidade de registros literários (da reflexão séria ao humor, à sátira e ao lirismo igualmente investidos de riqueza estética, ética e civilizacional), a literatura deveria transmitir eficazmente valores, revelar os opressores e a mentira, o que não significa que o escritor a visse como um mecanismo de propaganda (inclusive na fase mais marcada pelo determinismo naturalista). Cada um dos textos deste dossiê diz-nos isso mesmo: que Eça de Queirós, homem dedicado como poucos à escrita e ao pensamento, não incorreu na moralização da literatura, defendida hoje por não poucos *leitores* e fazedores de opiniões rápidas e de consumo fácil. Eça, reformador (também moral) não moralista, sempre pugnou pela libertação daquela que é uma das maiores criações do ser humano, que nela e por ela se faz autônomo, livre e projetado no amanhã.

E assim permanece Eça de Queirós nosso contemporâneo, resistindo à erosão do tempo e das ideias, visto que a sua escrita e visão do mundo continuam atuais e necessárias, até no que diz respeito à qualidade da leitura. Na famosa carta-prefácio a *Azulejos* do Conde Arnoso, o escritor aponta a diferença entre o leitor e o público, observação que continua atualíssima, havendo somente a passagem de leitor e público para leitor e seguidor do mundo virtual das redes sociais. Se, no passado, escreve Eça, a leitura “sugeria logo a imagem duma livraria silenciosa, com bustos de Platão e de Séneca”, além do ambiente de “retiro austero de paz estudiosa”, o final do século XIX lembrava “apenas uma turba folheando páginas à pressa, no rumor duma praça” (Queirós, 2017, p. 188).

Ora, nos nossos dias, para além do folhear, surge o toque do dedo que tudo aceita e elimina, arquiva e esquece, partilha e critica, a uma velocidade que ultrapassa as multidões ofegantes dos *boulevards* oitocentistas, contudo a essência do comentário é a mesma, havendo em comum a desreificação da leitura e do mundo. Curiosamente, mais recentemente, Byung-Chul Han refletiu sobre o mesmo assunto:

A mão é o órgão do trabalho e da atividade. O dedo, pelo contrário, é o órgão da escolha. O homem do futuro, desprovido de mãos, servir-se-á apenas dos dedos. *Escolherá*, em vez de *atuar*. Para satisfazer as suas necessidades, pressionará teclas. A sua vida não será um drama que o force a atuar, mas um jogo. Ele também não quererá possuir nada, mas experimentar e desfrutar. O homem desprovido de mãos no futuro estará próximo desse *Phono sapiens*, que digita no seu *smartphone*. O *smartphone* é o seu campo de jogos. É sedutora a ideia de que o ser humano do futuro não só joga e desfruta, mas que não tem preocupações. [...] Atuar é o verbo da história. O ser humano do futuro, jogador, desprovido de mãos, representa o fim da história (Han, 2022, p. 19-20).

Entre um filósofo germano-coreano dos nossos dias e os escritos e reflexões de um escritor português do século XIX existe uma irmandade que revela a clareza de espírito e também a capacidade crítica de observação do mundo que nos rodeia. Talvez não seja ainda o fim da história, muito menos o fim da leitura e da literatura.

Após esta apresentação, desafiamo-lo, leitor, a visitar os textos aqui presentes e, mais importante, a celebrar Eça de Queirós, um clássico contemporâneo, lendo a obra que o Mestre nos legou.

Referências

- BLOOM, Harold. 2014. *Génio*. Tradução: Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Círculo de Leitores.
- CUNHA, Maria do Rosário. 2012. “Relendo n’*Os Maias* a ‘enorme farsa dolorosa que é a vida’”. In: REIS, Carlos; BERNARDES, José Augusto Cardoso; SANTANA, Maria Helena (coords.). *Uma coisa na ordem das coisas. Estudos para Ofélia Paiva Monteiro*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- COMPAGNON, Antoine. 2010. *Para que serve a Literatura?* Tradução: José Domingues de Almeida. Porto: Deriva Editores.
- FERREIRA, Vergílio. *Conta-Corrente (1982-1985)*. Lisboa: Quetzal Editores, 2025.
- HAN, Byung-Chul. 2022. *Não coisas: transformações no mundo em que vivemos*. Tradução: Ana Falcão Bastos. Lisboa: Relógio D’Água.
- QUEIRÓS, Eça de. 2017. *Os Maias*. Edição Crítica de Carlos Reis e Maria do Rosário Cunha. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- QUEIRÓS, Eça de. *O mandarim*. Fixação do texto e notas: Helena Cidade Moura. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s.d.
- TAMEN, Miguel. 2021. “Eça de Queirós”. In: FEIJÓ, António Feijó; FIGUEIREDO, João R.; TAMEN, Miguel. (eds.). *O cânone*. 2. ed. Lisboa: Fundação Cupertino de Miranda; Edições Tinta-da-China.
- VIEIRA, José. 2021. *Os Maias em banda desenhada*. Textos de apoio. Lisboa: Livros RTP; Levoir.

José Vieira. Professor na Universidade de Pádua, investigador do Grupo 1 – Literatura e Cultura Portuguesa – do CLEPUL, membro do Projeto Dinâmicas Hipercontemporâneas (CLP, CLLC) e crítico literário. Tem publicado livros e artigos sobre literatura portuguesa moderna e contemporânea, com especial incidência nas obras de Mário Cláudio, Tiago Veiga, José Saramago e Agustina Bessa-Luís, para além de organizar diversos eventos culturais e congressos.

E-mail: jose-cvieira@outlook.pt

Carlos Nogueira. Historiador das ideias e filólogo. Professor da Cátedra José Saramago da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e da Universidade da Beira Interior. Recebeu o Prémio de Ensaio Vergílio Ferreira (2022), o Prémio de Ensaio Jacinto do Prado Coelho (2019), o Prémio Montepio de Ensaio (2012, 2013 e 2014) e o Prémio Santander de Internacionalização da Produção Científica da FCSH/Universidade Nova de Lisboa (2011, 2012, 2013, 2014).

E-mail: catedrasaramago@utad.pt